

**ESTÁGIOS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL
E DIFICULDADES PERCEBIDAS POR
PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
EM SEU PRIMEIRO ANO DE ATUAÇÃO**

*PERIODS OF TRAINING IN THE PROFESSIONAL
FORMATION AND DIFFICULTIES PERCEIVED BY
PROFESSIONALS OF PHYSICAL EDUCATION DU-
RING THEIR FIRST YEAR OF ACTING*

**Elaine Cristina Jonas
Francisca Cirnanda Fernandes Spim Redondo
Nilson Alves das Neves
Rosemeire Gomes Fernandes
Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva**
Universidade São Judas Tadeu



RESUMO

Com o objetivo de refletir sobre a realização dos estágios na formação inicial e sobre as dificuldades encontradas no primeiro ano de atuação profissional na área da Educação Física, apresenta-se uma amostra, abrangendo 25 egressos de uma universidade privada do município de São Paulo, os quais responderam a um questionário no qual se identificou que as dificuldades encontradas durante o período de estágio se mantiveram durante o primeiro ano de atuação de mais da metade dos pesquisados, sendo as principais: baixa remuneração, falta de experiência para atuar, falta de conhecimentos específicos sobre fisiologia, biomecânica, métodos de treinamento e saúde do idoso, grandes distâncias entre o local de trabalho e a residência do entrevistado, além dos preconceitos enfrentados por serem profissionais jovens.

Palavras-chave: Formação Profissional. Estágios. Profissional Iniciante. Dificuldades.

ABSTRACT

In order to think about the accomplishment of the periods of training in the initial formation and about the difficulties found in the first year of professional performance in the area of the Physical Education, it is presented a sample of 25 graduates of a private university of São Paulo city, who answered a questionnaire in which it was identified that the difficulties found during the training period remained during the first year of operation of more than half respondents, being the main ones: the low remuneration, lack of experience to act, lack of specific knowledge on physiology, biomechanics, methods of training and health of the aged one, great distances between the workstation and the residence of the interviewed, in addition to the prejudices faced by young professionals.

Key-words: Professional formation. Periods of training. Professional beginner. Difficulties.

Introdução

A partir de discussões e trocas de experiências com profissionais recém-formados e formados há algum tempo, percebemos que o início da carreira é marcado por diversas dificuldades que se repetem há anos. Segundo Ferreira (2006), o professor aprende a ensinar e a ser professor, uma vez que ensinar difere de ser professor. O ato de ensinar está relacionado à pedagogia em si, a partir de estratégias e técnicas que facilitam o entendimento e o aprendizado do aluno. Ser professor não se resume ao ato de ensinar, pois requer envolvimento e participação com as pessoas e com o local onde se ensina.

Por meio de um levantamento bibliográfico, constatamos que alguns estudos foram realizados para identificar as causas das dificuldades que os profissionais de Educação Física iniciantes encontram ao ingressar no mercado de trabalho, tais como: competir contra o conhecimento informal de alunos que já se exercitam há muitos anos, baixa remuneração, pré-julgamento de professores experientes, entre outros.

A maior parte desses estudos aponta problemas em relação aos profissionais de Educação Física escolar, em que a diferença de posição em cargos de trabalho é determinada pelo tempo de exercício profissional associado à sua experiência.

Com o surgimento de muitas academias na década de 1980, foram apontadas outras dificuldades nessa área de intervenção profissional. Por necessidade econômica, muitos profissionais se dispuseram a trabalhar nesses locais mesmo que não pudessem satisfazer suas preferências metodológicas ou eleger as faixas etárias com as quais mais gostassem de interagir.

Outra grande dificuldade do profissional iniciante reside no momento de se inserir no mercado de trabalho quando os empregadores colocam como pré-requisito a comprovação de experiência profissional anterior. Normalmente, profissionais iniciantes vão em busca de conhecimento em cursos extensivos e de especialização para aumentar o embasamento teórico adquirido nos cursos de graduação e também do conhecimento prático, geralmente,

muito solicitado pelos empregadores no momento de uma contratação.

A problemática existe, porém encontramos poucos estudos que analisam essas dificuldades trazendo subsídios que auxiliem a minimizá-las via processo de formação profissional inicial.

Esses fatos evidenciam uma etapa da carreira profissional ainda pouco explorada e indicam certa urgência para que outros estudos sejam realizados visando ao avanço da profissão.

Por tais razões, este estudo teve como objetivo identificar dificuldades que profissionais de Educação Física encontram no seu primeiro ano de docência e, a partir daí, levantar pontos de reflexão sobre a formação profissional que receberam.

1. Revisão de literatura

1.1 – A Educação Física como Profissão

Em comparação com outras profissões tradicionais como Medicina e Direito, a formação profissional em Educação Física ainda está galgando seus primeiros passos uma vez que foi inserida nas Universidades em meados da década de 40 do século XX, sendo antes desenvolvida em colégios militares (BETTI; MARIZ DE OLIVEIRA, 1988 apud OLIVEIRA, 2002).

A mola propulsora para a criação da Educação Física no Brasil foi a eugenia, crença na qual o aprimoramento da raça se dava através da atividade motora. Além disso, à Educação Física era atribuídas as funções do aprimoramento físico, do caráter, da formação do homem moralmente sadio, da formação da juventude brasileira, responsabilidades revestidas de cunho nacionalista (GHILARDI, 1998).

Assim, nesse contexto patriótico, a Educação Física foi introduzida no processo educacional, ligada ao âmbito escolar, mas carregando consigo um valor educativo que a caracterizava como disciplina curricular e não como área de conhecimento (GHILARDI, 1998).

Para Neri (2002), o fato de não se produzir conhecimentos inerentes à área de estudo descaracteriza uma atividade de trabalho como sendo profissional. Mesmo que haja remuneração

pela execução dessa atividade, não poderá ser denominada como profissão enquanto não possuir conhecimentos próprios. Segundo Barros (1993, apud BERGATTI, 2002), pensar e produzir conhecimentos é extremamente importante, porém é preciso que haja uma relação entre a atividade intelectual e sua aplicação prática para que se determine uma atividade como profissão.

A preparação desse profissional passou, nos últimos vinte anos, por modificações profundas. Até meados dos anos 1990, a formação do profissional de Educação Física era unicamente voltada para a atuação na área do ensino formal (Licenciatura). Sobre esse fato, Mariz de Oliveira (1993, apud OLIVEIRA, 2002) aponta que, até 1987, a atuação profissional na área não escolar da Educação Física era exercida pelo licenciado e pelo leigo. Atualmente, a realidade é outra em função de novas exigências de mercado, bem como da agregação de novos conhecimentos produzidos.

Surgem, no mercado, novas necessidades de formação na área da Educação Física, provocando a necessária reformulação dos currículos dessa área. As instituições de ensino passaram a diferenciá-lo em Licenciado (professor) e Bacharel (profissional) visando atender, do ponto de vista profissional, às necessidades do mercado e da sociedade. Em outras palavras, os profissionais ligados à Educação Física escolar e os que estão ligados aos programas de atividade física atuam no atendimento de diferentes necessidades da população (GHILARDI, 1998).

Ellis (1987, apud OLIVEIRA, 2002) afirma que os profissionais de Educação Física já atuam em novos campos com relativo sucesso, possibilitando a percepção de que outros públicos, além do escolar, precisam dos seus serviços.

O bom profissional de Educação Física não é aquele que pratica e sabe executar determinada tarefa motora, mas aquele que compreende as necessidades do cliente e respeita suas limitações porque seu conhecimento é o que permite detectar seu nível de aprendizagem, bem como suas capacidades. Pode, ainda, despertar nos indivíduos a consciência de que a atividade física é uma arma eficaz para proporcionar um nível de excelência em sua qualidade de vida (GHILARDI, 1998).

1.1.1 – Formação diferenciada: Bacharel e Licenciado

Segundo Nagle (1986), na década de 1980, o curso de Licenciatura oferecia matérias que se preocupavam com o ensino, alertando, porém, para uma provável falta de aprofundamento das disciplinas de conteúdo.

Para Silva (2005), no modelo de Licenciatura explicitado na legislação educacional presente nas Resoluções CNE/CP nº 01 e nº 02/2002, os especialistas em educação, responsáveis por sua elaboração, buscaram, justamente, alternativas que pudessem superar diferenças entre as disciplinas pedagógicas e de conteúdo, entre a formação social e a técnico-pedagógica e, principalmente, o distanciamento entre a teoria e a prática.

Segundo Lima (1994, apud OLIVEIRA, 2002), os setores de atuação em Educação Física são classificados em escolar e não-escolar, sendo esse último bem mais amplo e necessita ser melhor explorado.

Lambert (1978, apud OLIVEIRA, 2002) percebeu que os profissionais de Educação Física já estavam à procura de outros campos que não o escolar, e que existia dificuldade por parte dos profissionais em compreender e atuar em novas áreas, mesmo porque outros conhecimentos eram necessários para tal atuação.

Reformularam-se, então, os currículos do curso de Licenciatura e criaram em algumas instituições o curso de Bacharelado em Educação Física, traçando um novo perfil do profissional. Mariz de Oliveira (1993, apud OLIVEIRA, 2002) caracterizou a atuação profissional do Licenciado em Educação Física junto aos segmentos da educação escolarizada, incluindo os estabelecimentos de Educação Básica e as universidades, e a do Bacharel em Educação Física no segmento das instituições e empreendimentos, sendo elas públicas ou particulares.

Ao defender a criação do curso de Bacharelado, Barros (1995, apud CARNEIRO, 2005) afirma que esse contribuiu para a busca de definição do objeto de estudo da área, permitindo um melhor atendimento dos interesses dos alunos e do mercado de trabalho. A criação do curso de Bacharelado veio atender a um novo perfil de

profissional que não está ligado ao ensino regular, mas a uma nova e crescente fatia do mercado constituído por clubes, academias, empresas, condomínios, *personal trainers*, em que a atuação é direcionada não mais a execução pura e simples de habilidades motoras, mas envolve o desenvolvimento do saber como e por que executá-las (GHILARDI, 1998).

Segundo a Carta Recomendatória 02/2005 do CREF-SP que versa sobre estágios supervisionados, as Resoluções CNE/CP 1 e CNE/CP 2/2002 evidenciam evolução nas diretrizes curriculares das matérias ministradas nos cursos de bacharelado e licenciatura e dão novas orientações para a formação de professores.

Segundo essas Resoluções, a formação de professores deve focalizar num trabalho aprofundado sobre os conteúdos que serão desenvolvidos no Ensino Fundamental e Médio e entende que a prática é uma dimensão do conhecimento que deve estar presente nos cursos de formação, tanto nos momentos em que se trabalha a reflexão sobre a atividade profissional, como durante o estágio e demais momentos em que se exercita a atividade profissional.

A legislação orienta a organização das Licenciaturas em Educação Física com duração mínima de 3 anos ou seis semestres letivos, com carga horária mínima de 2.800 horas, garantindo que haja 400 horas de Prática de Ensino, vivenciadas ao longo do curso e que não se confundem com as 400 horas de Estágio Supervisionado, vivenciadas a partir da segunda metade do curso e cumpridas no âmbito escolar ou áreas afins. Além disso, o currículo deve incluir 200 horas de atividades acadêmico-científico-culturais a título de trabalhos orientados do aluno e outras atividades voltadas ao enriquecimento cultural do futuro professor.

Os cursos anteriormente denominados de Bacharelado em Educação Física pela Resolução nº 03/87 do então Conselho Federal de Educação, no texto da Resolução CNE/CES 07/2004, passaram a denominar-se cursos de Graduação em Educação Física. São cursos voltados a habilitar o profissional de Educação Física para atuar em qualquer segmento de mercado inerente à área, excetuando-se a Educação Básica. Diferentemente

da legislação dos cursos de Licenciatura, até a presente data, não foram definidas a duração e a carga horária mínima para essa modalidade de curso, uma vez que as discussões que vinham sendo conduzidas no sentido de dimensionar o curso em 4 anos de duração e carga horária mínima de 3.200 horas foram interrompidas. Como, nas discussões iniciais para reformulação da legislação anterior sobre carga horária e duração dos cursos de graduação, modalidade Bacharelado, o curso de Educação Física, era proposto com carga horária de 3.200 horas, mesmo excluído dos pareceres que geraram a Resolução CNE/CES 02/ 2007 que, no momento, é a que rege a carga horária mínima para integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial, observamos que o que tem sido colocado em prática nos processos de autorização e reconhecimento de cursos é um julgamento por analogia. Já que tal Resolução apresenta classificação dos cursos por carga horária, o curso de Educação Física vem sendo classificado pelos avaliadores como fazendo parte do Grupo "C":

c) Grupo de Carga Horária Mínima entre 3.000h e 3.200h: Limite mínimo para integralização de 4 (quatro) anos.(Res CNE/CES 02/2007).

Como a Resolução em vigor não menciona o curso de Educação Física, também são observados casos de cursos serem autorizados como se fizessem parte do Grupo "B":

b) Grupo de Carga Horária Mínima de 2.700 h: Limites mínimos para integralização de 3,5 (três e meio) ou 4 (quatro) anos (Res CNE/CES 02/2007).

Em suma, como a legislação atual omite a carga horária e a duração dos cursos de Educação Física na modalidade Bacharelado, denominados de Graduação (*sic*) nesta área, são observados no Brasil cursos com carga horária mínima entre 2.800 a 3.200 h e duração entre 3,5 a 4 anos.

1.2. A função do estágio na formação profissional

O estágio profissional curricular representa um momento da formação em que o graduando deverá vivenciar e consolidar as competências

exigidas para o exercício profissional em diferentes campos, sob a supervisão de um profissional habilitado e qualificado, a partir da segunda metade do curso, apresentando-se como um instrumento de integração da teoria ministrada na graduação e o aprendizado em um ambiente real de trabalho (OLIVEIRA, 2002; SILVA, 2005).

Desde a regulamentação dos estágios profissionalizantes pela Lei nº 6.494 de 07/12/1977, esses passaram a assumir importância fundamental no processo de preparação profissional (OLIVEIRA, 2002). O espírito dessa Lei tem sido mantido nos Decretos sobre o assunto que a sucederam, quais sejam, o Decreto Lei nº 87.497 de 18/08/1982 e a Lei 11.788, de 25/09/2008. Tais Decretos regulamentam os estágios de qualquer área profissional e entre seus propósitos situa-se a inserção do estudante na realidade do mercado de trabalho, uma vez que deve proporcionar a vivência de atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, em situações reais de vida e trabalho de seu meio

Na área da Educação Física, de acordo com a Carta Recomendatória 02/2005, expedida pelo CREF da região de São Paulo, o Estágio pode ser visto como um momento privilegiado da experiência profissional, no qual o estudante acompanha aspectos da prática, confrontando-os com aspectos aprendidos durante o curso de formação inicial, concentrando-se nos aspectos que sejam mais interessantes vivenciar.

De acordo com um estudo realizado por Silva (2003), com o objetivo de identificar o desenvolvimento do pensamento crítico-criativo por meio da realização dos estágios, foi possível verificar que os estagiários passaram a ter uma visão mais crítica sobre a prática profissional, tendo sido capazes de relatar tanto aspectos negativos quanto aspectos positivos das situações que observaram e analisaram, além de fornecerem *feed-back* sobre o curso de formação inicial que vinham recebendo na faculdade.

A partir desse estudo, pode-se concluir que há boas indicações que a realização dos estágios promove benefícios para a formação profissional colaborando para um futuro exercício profissional crítico e reflexivo, assumindo esses benefícios

maiores proporções quando há uma boa relação interpessoal entre orientador de estágio e estagiário e também um número razoável de estagiários sob supervisão/orientação de profissionais habilitados, tanto na Universidade quanto no campo de estágio.

Além dos estágios, as práticas pedagógicas também proporcionam tais benefícios, caracterizando-se por atividades inseridas nas disciplinas, desenvolvidas durante todo o curso, diferentemente do estágio profissional supervisionado que proporciona a oportunidade de demonstrar os conhecimentos obtidos na graduação e treinar suas competências apenas a partir da segunda metade do curso.

Silva (2005) acrescenta que os estágios acabam representando uma tarefa muito difícil na vida do estudante. Via de regra não possuem grande significado, sendo realizados mais como obrigação do que por interesse. Essa afirmação é reforçada por Moura e Silva (2004), cuja pesquisa evidenciou que estudantes do último ano de um curso de Bacharelado em Educação Física acreditam que o estágio realizado de livre e espontânea vontade colaborou mais para a sua preparação profissional que os estágios obrigatórios.

Para Oliveira (2002), o estágio supervisionado também pode ser considerado um problema para a profissão, pois, ao mesmo tempo em que é fundamental para a vivência prática e o aprendizado desse futuro profissional, a crise do mercado de trabalho é agravada pelo fato de que a figura do estagiário acaba se transformando em mão de obra barata utilizada em postos de trabalho que deveriam ser ocupados por profissionais graduados.

1.3. As dificuldades encontradas nas diferentes áreas de atuação da Educação Física

De acordo com um estudo realizado por Freitas (2002), foram identificadas algumas pistas importantes para compreendermos como se estrutura a carreira do professor iniciante. É muito comum as escolas delegarem ao professor iniciante as turmas que apresentam o maior grau de complexidade em relação às estratégias didáticas e à disciplina. Geralmente, são turmas

heterogêneas que possuem alunos com níveis de aprendizagem desiguais e que, muitas vezes, não possuem os materiais escolares mínimos e, ainda, pertencem à famílias de baixo poder aquisitivo.

Freitas (2002) também aponta como um grande obstáculo, o docente iniciante ser encaminhado para locais onde falta material didático, agravada pela pequena possibilidade de troca de experiências e acompanhamento pedagógico. Ressalta ainda que o professor se sente muito decepcionado, pois vem com a ilusão dos ensinamentos didáticos aprendidos na universidade e acaba se chocando com a realidade que é diferente. O desgaste é muito grande, pois as turmas mais difíceis demoram a apresentar um rendimento significativo e esse fato acaba sendo atribuído à competência desse professor.

De acordo com o depoimento de uma supervisora de escola municipal (FREITAS, 2002), professores iniciantes não costumam se acomodar, buscam ajuda, pois respeitam os alunos compreendendo suas dificuldades, aplicam inovações no processo ensino-aprendizagem conforme aprenderam em sua formação. Complementando, Ferreira (2006) aponta a necessidade de o iniciante se apoiar nas orientações de um mentor (professor de apoio) que o ajudará a apresentar atitudes e percepções mais saudáveis em relação àqueles que não puderam contar com esse tipo de apoio. Ou seja, o docente iniciante que conta com esse tipo de orientação desenvolve novas competências, bem estar pessoal e profissional e socialização entre os professores, fazendo com que não desista de sua profissão.

Essa busca de soluções para seus problemas auxilia a construir saberes e, com o tempo, acaba adquirindo uma segurança maior, uma confiança em si mesmo que extrapola o domínio pessoal afetando o relacional, passando a ser respeitado pelos pais de seus alunos e pelos demais profissionais da escola. Esse início da trajetória profissional pode ser considerado como *perverso*, pois quase não oferece reconhecimento, mas a forma como o professor iniciante enfrenta esses problemas o ajuda a vencer suas dificuldades e a ser admitido entre os *iniciados*, levando-o ao reconhecimento profissional (FREITAS, 2002).

1.4. Mercado de trabalho e capacitação profissional

Gonçalves (1995), Huberman (1995) e Silva (1997), citados por Ferreira (2006), definem a entrada no mercado de trabalho como sendo *um choque com a realidade*, pois tudo o que foi visto durante a graduação e em experiências durante o estágio pode contribuir ou não para uma construção positiva a respeito da profissão. Quando deixa de ocupar a posição de estagiário e de contar com a supervisão de um profissional formado, o profissional iniciante deve elaborar estratégias de ação com base no seu conhecimento, intuição e crenças para apresentar desempenho competente diante dos problemas profissionais cotidianos.

Algumas vezes ocorre, num primeiro momento, certa decepção com a profissão, o que pode provocar o abandono logo no início da carreira ou um completo descompromisso com o processo de ensino-aprendizagem.

A realidade do professor iniciante costuma ser complicada quando, nas escolas, é contemplado com as turmas tidas como mais problemáticas, não recebe apoio dos professores mais experientes e é muito cobrado pela direção. O que percebemos é que, nessa fase, o docente iniciante necessita de atenção e orientação especial para superar de forma positiva as dificuldades que surgem e, assim, fortalecer sua opção profissional.

Ferreira (2006) reforça que dificuldades encontradas no âmbito escolar podem ser explicadas pelo fato de que alguns professores não desejam se concentrar nessa área de atuação e a consideram uma etapa transitória até que alcancem colocação em outras áreas como clubes, academias, ensino superior ou dedicação à produção de pesquisas científicas.

Néri (2002) reforça dizendo que, inicialmente, a entrada para o mercado de trabalho da Educação Física se resumia, praticamente, ao âmbito escolar. Porém, nas décadas de 1980 e 1990, essa área passou a ser vista de outra forma e considerada responsável pela análise do movimento humano, nos aspectos bio-psico-sociológicos, anátomo-fisiológicos, entre outros, com o objetivo de produzir conhecimento científico. Essa ação colaborou para abrir um leque de opções de atuação fora da escola.

Ao mesmo tempo em que se desenvolvia essa nova visão da Educação Física com novas opções de mercado de trabalho, como a musculação, ginástica, atividade física adaptada, entre outras, também surgia uma evolução mercadológica das academias que contou com uma forte influência norte-americana.

2. Materiais e Método

O presente estudo caracteriza-se como pesquisa descritiva, de caráter qualitativo, que apresenta como característica principal o conteúdo interpretativo, buscando compreender o significado de uma experiência para os participantes da pesquisa em um ambiente específico (THOMAS; NELSON, 2002).

Foram analisadas as dificuldades que profissionais de Educação Física encontraram no seu primeiro ano de docência, utilizando questionário estruturado com questões abertas e fechadas, cujos resultados são expostos em gráficos de colunas e circulares, respectivamente. A amostra constou de 25 alunos graduados no ano de 2005 em uma Instituição de Ensino Superior (IES) particular da cidade de São Paulo e que tiveram seu primeiro ano de atuação profissional em 2006. Não foram incluídos alunos que se graduaram em outros anos letivos, em outras universidades e em outros cursos. As respostas das questões abertas tiveram seu conteúdo analisado, as respostas foram agrupadas por similaridade e apresentadas em gráficos em termos percentuais. As respostas das questões fechadas foram calculadas percentualmente.

3. Resultados

As respostas buscaram configurar a percepção do significado dos estágios para a atuação profissional, bem como contextualizar o primeiro ano de exercício profissional e as dificuldades encontradas nesse período.

A. Contribuição do estágio para atuação profissional

O total de participantes da pesquisa afirmou que cumpriu efetivamente o estágio e apontou

a sua contribuição no processo de formação: 52% disseram que contribuiu muito, 28% que contribuiu, 16% que contribuiu pouco, 4% que não contribuiu.

(Gráfico 1)



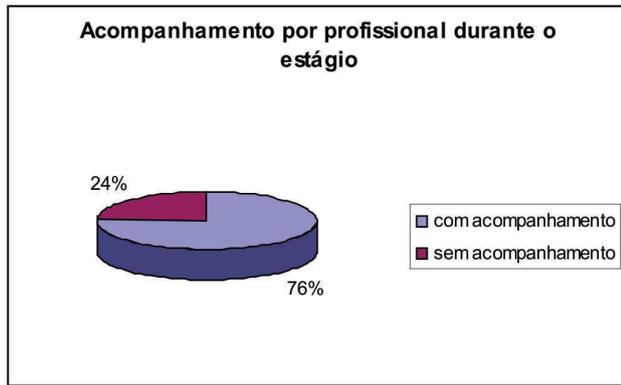
Apesar de o número de participantes que relatou que o estágio não contribuiu para a sua atuação profissional ser pequeno, é um registro que precisa ser levado em consideração. Levanta questionamento, por exemplo, se essa ausência de percepção de contribuição se deu pelo pouco interesse do estagiário na área na qual estagiou ou se é devida à realidade com a qual se deparou no campo de estágio que nada veio a acrescentar ao que o estagiário já sabia, ou ainda, se o cenário da prática contradiz o conteúdo aprendido pelo estagiário no curso de graduação.

O fato é que esse estudante, em pleno processo de formação, por vários fatores, pode ter perdido oportunidades importantes de ampliar sua formação profissional, até mesmo a oportunidade de refletir sobre aspectos que julgou incoerentes ou contraditórios com sua formação profissional e, ao invés de discuti-los com seu orientador de estágios, simplesmente os desconsiderou.

B. Acompanhamento do estágio por um profissional formado

A grande maioria (76%) afirma ter sido acompanhada por um profissional durante o seu período de estágio, porém uma porcentagem significativa (24%) não teve o acompanhamento desse profissional formado.

(Gráfico 2)



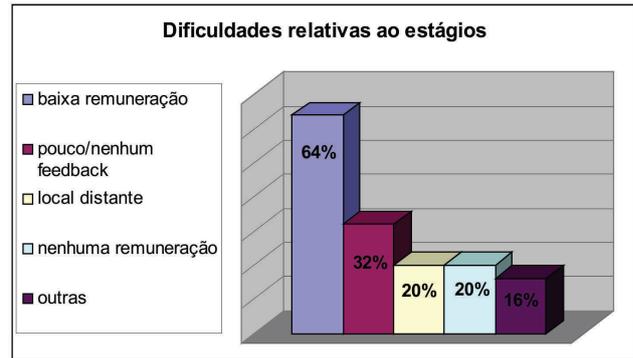
De acordo com o Código de Ética dos Profissionais de Educação Física registrados no sistema CONFEF/CREFs, é de responsabilidade do profissional promover e facilitar o aperfeiçoamento técnico, científico e cultural das pessoas sob sua orientação profissional, além de expressar clara proibição para que tarefas próprias do profissional sejam atribuídas a pessoa não habilitada.

O fato de uma parcela considerável não ter contado com acompanhamento de profissional formado no local do estágio evidencia a imaturidade do mercado de atuação profissional que ainda adota o estagiário como mão de obra de baixo custo, insuficiência de alcance dos mecanismos de supervisão do exercício profissional que não consegue detetar todos os locais em que ocorre esse tipo de infração, a não ser que a situação lhe seja denunciada e, também, a imaturidade da própria sociedade que utiliza tais serviços sem se certificar se quem os oferece é profissional formado ou não e, talvez, sem ter critérios para avaliar se o serviço que recebe possui ou não possui boa qualidade.

C. Dificuldades encontradas no período de estágio

Essa foi uma questão aberta e as dificuldades mencionadas são ilustradas no gráfico a seguir, cuja somatória excede o valor de 100% porque os pesquisados puderam mencionar mais do que uma dificuldade. Foram elas: baixa remuneração (64%), pouco ou nenhum *feedback* (32%), local muito distante (20%), nenhuma remuneração (20%) e outras (16%).

(Gráfico 3)



No item *outras*, foram inclusas dificuldades, como: realizar atividades que não são pertinentes ao estágio/profissão e falta de organização, seja por parte da instituição concedente do estágio ou do próprio estagiário, que não conseguiu se organizar em relação às normas do local do estágio. O aspecto *remuneração* foi considerado o fator que mais causou desconfortos pelos pesquisados. Em geral, o que se verifica é que se exige do estagiário a realização de funções próprias dos profissionais formados sem uma devida contrapartida, uma vez que o valor da bolsa-auxílio concedida pelas instituições que recebem o estagiário poucas vezes atende suas necessidades, sem contar aqueles locais que nem a concedem. Essa realidade, no entanto, não é prerrogativa dos estágios em Educação Física, havendo situações nas quais se exige muito mais tempo e dedicação dos estagiários, tendo como exemplo clássico os alunos em regime de Internato dos cursos de Medicina.

D. Inserção no mercado de trabalho

Um aspecto que se procurou identificar foi se o egresso consegue se colocar no mercado de trabalho logo no ano subsequente à sua colação de grau. No grupo pesquisado, 96% conseguiram se inserir no mercado de trabalho, o que pode ser considerado um excelente nível de aproveitamento dos egressos.

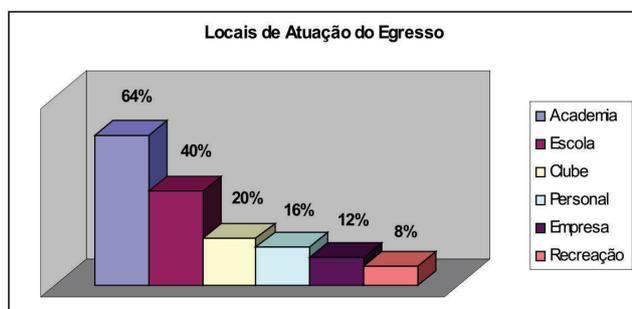
Esse resultado é bastante positivo, mas, ao mesmo tempo, levanta a curiosidade em confirmar se ele se repetiria caso a amostra fosse mais numerosa, o que sugere a realização de novas pesquisas.

Curiosidades que surgem incluem, entre outros aspectos, a existência de uma possível relação entre realização de estágios numa determinada área ou instituição e aproveitamento do recém-formado no mercado de trabalho. De maneira pouco sistemática, costuma-se afirmar que há relação positiva, no entanto, são desconhecidas pesquisas que façam esse tipo de relação na área da Educação Física.

E. Áreas de atuação

Nesta entrada no mercado de trabalho, identificamos que 64% desses profissionais passaram a trabalhar em academias, 40% em escolas, 20% em Clubes, 16% como *personal trainers*, 12% em empresas e 8% na área da recreação.

(Gráfico 4)



Se até o início da década de 80 do séc. XX, as escolas eram o mercado que mais absorvia profissionais de Educação Física, na atualidade, as academias e os clubes representam a maioria, merecendo registro mercados emergentes como o do *personal trainer* e o das empresas, evidenciando que a proposta de oferta de cursos de formação inicial que se diferenciavam das Licenciaturas, destinadas à formação exclusiva de professores para atuar em escolas, não estava equivocada.

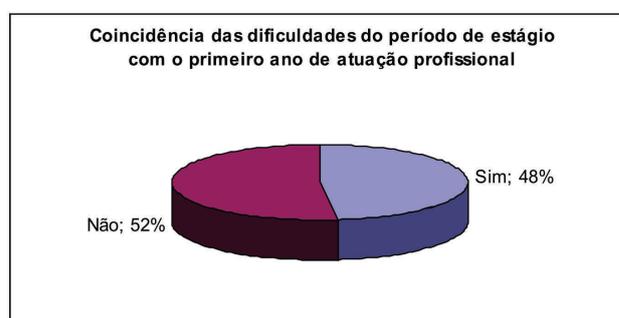
Também em relação ao quesito de inserção do egresso no mercado de trabalho, são recomendadas mais pesquisas com amostras mais numerosas que, provavelmente, evidenciarão crescimento de outras áreas como a inserção do profissional de Educação Física em equipes multidisciplinares voltadas à promoção da saúde.

F. Comparativo das dificuldades no período de estágio e no 1º ano de atuação profissional

Em relação às dificuldades encontradas no primeiro ano de atuação profissional, a

pesquisa mostra que 48% encontraram as mesmas dificuldades que tiveram durante o seu período de estágio. Mesmo depois de adotar um perfil mais reflexivo e questionador, os egressos ainda se depararam com várias situações que os levaram a enfrentar as mesmas dificuldades que encontraram no período de estágio. Isso indica que há questões, no caso da amostra pesquisada, que envolvem maior tempo para amadurecimento e, indiretamente, aponta para a importância de serem identificadas para que sejam objeto de estudo e discussão durante a formação profissional inicial ou, até mesmo, continuada.

(Gráfico 5)

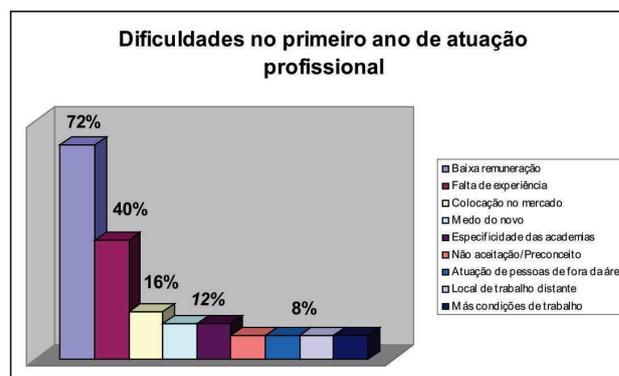


G. Dificuldades encontradas no 1º ano de atuação profissional

A identificação das dificuldades do profissional recém-formado apresenta importância para os responsáveis por sua formação inicial e também para os responsáveis pela formação em serviço e para aqueles que oferecem serviços de formação continuada.

O gráfico a seguir mostra a distribuição das dificuldades mencionadas.

(Gráfico 6)



A remuneração continua a ser o aspecto que

mais incomoda o egresso do curso de Educação Física. Estudos comparativos com outras áreas de atuação podem ser feitos no sentido de evidenciar se é uma característica da área e, além disso, para fornecer dados que possam ser apresentados aos postulantes à profissão para que não criem falsas expectativas a seu respeito.

Ainda que a baixa remuneração possa ser um fator apontado como a maior dificuldade, estudo de Carneiro e Silva (2006) registra que aquele que ingressa no curso de graduação em Educação Física aponta o prazer pela prática e pelo relacionamento com as atividades físico-desportivas como o principal motivo para escolha do curso, parecendo que a remuneração não é o principal aspecto que essas pessoas buscam quando se interessam pela profissão.

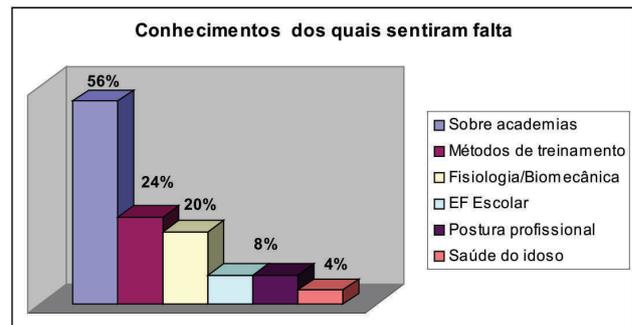
A análise do gráfico indica que as dificuldades abrangem tanto características da profissão em si, como aspectos psicológicos do próprio egresso relativos ao seu medo do novo, à sensação de não estar suficientemente preparado para enfrentar o mercado de trabalho, questões essas que deveriam ser objeto de discussão na etapa de formação inicial no sentido de mostrar ao recém-formado que a dedicação aos estudos e à realização dos estágios durante a graduação pode colaborar para que essas sensações sejam minimizadas quando no seu ingresso no mercado de trabalho.

Além das dificuldades registradas no gráfico, foram mencionadas de maneira menos frequente as seguintes: para se expressar, para manter o controle da sala de aula, ter que seguir aulas padronizadas, cursos de especialização muito caros e não conseguir atuar na área pretendida. Um dos pesquisados com idade superior a trinta anos respondeu que enfrentou discriminação pela idade, pelo fato de o mercado das academias preferir profissionais mais jovens.

H. Conhecimentos que faltaram durante a graduação:

Partindo das dificuldades acima, indagamos a respeito dos conhecimentos que esses ex-alunos mais sentiram falta para atuar. Foram eles:

(Gráfico 7)



Ainda que 88% dos pesquisados tenha respondido que seu curso de graduação correspondeu às suas expectativas, eles sentiram falta de algum tipo de conhecimento e, seja por essa razão ou pelo desejo de continuar se aprimorando, 92% dos egressos se encontravam matriculados em cursos de pós-graduação e extensão, pertinentes à sua área de atuação.

Analisando o rol de disciplinas da IES da qual são egressos, observamos a carga elevada de temas ligados à Fisiologia, no entanto, no olhar dos alunos ainda foi insuficiente, o que leva a pensar a respeito da necessidade de os estudos incluírem conteúdos mais aplicados no cotidiano da prática profissional, em seu amplo espectro de possibilidades, o que constitui um desafio para os professores dessa área, muitos dos quais estão acomodados nas sequências pré-estabelecidas dos livros e compêndios utilizados na formação inicial de inúmeras profissões da área da saúde.

Quanto ao item *postura profissional*, trata-se de um assunto que não deve ser entendido como prerrogativa de disciplinas como Deontologia e Ética Profissional, mas uma preocupação relativa à formação atitudinal do futuro egresso que deve permear todas as disciplinas da formação inicial.

Quanto à saúde do idoso, trata-se de destacar a mudança de perfil populacional brasileiro nas duas últimas décadas, o que contribui para enfatizar a necessidade de estudos mais detalhados a respeito das características e necessidades dessa faixa etária que, agora, passa a romper o isolamento no qual se encerrava e passa a ter maior convívio social e melhores cuidados com a saúde, incluindo o condicionamento físico.

4. Discussão

O presente estudo identificou que os estágios que foram acompanhados por um profissional formado apresentaram melhor contribuição para a formação profissional na visão dos estagiários, com consequências posteriores na atuação no mercado de trabalho. Esse fato confirma o que Oliveira (2002) e Silva (2003) afirmaram sobre o fato de o estágio poder ser visto como um momento privilegiado da experiência profissional, em que o estudante deverá acompanhar alguns aspectos realizados na prática tendo como base conteúdos que foram aprendidos durante o curso, podendo desenvolver um pensamento crítico-criativo capaz de avaliar e identificar aspectos positivos e negativos durante o período de estágio.

Por outro lado, a pesquisa evidenciou que nem sempre o estágio é supervisionado por um profissional formado e que, nesses casos, sua contribuição acaba sendo pequena para a formação do estagiário, pois esse deixa de colocar-se nessa condição e passa a desempenhar papéis de responsabilidade do profissional já formado. Confirmando as previsões de Oliveira (2002), esse tipo de procedimento adotado por algumas instituições vem comprometendo a qualidade dos serviços prestados e representando uma crise no mercado de trabalho, uma vez que o fato de o estagiário representar uma mão de obra barata, acaba contribuindo para diminuir os postos de trabalhos dos já formados.

Em relação ao primeiro ano de docência desses egressos, constatamos que a maior parte deles foi para as academias, mostrando que a situação registrada por Néri (2002) apontando para o fato de que a entrada para o mercado de trabalho se resumia ao âmbito escolar já se encontra modificada.

Sendo assim, a falta de conhecimento específico para se trabalhar em academias e clubes foi mencionada com maior frequência pelos entrevistados, tendência que já vinha sendo observada pelo curso, de que são egressos, que, recentemente, alterou seu rol de disciplinas na tentativa de se adequar às novas exigências da profissão, sendo possível perceber que, a partir de 2004, assuntos, como saúde do idoso, métodos de treinamento para portadores de doenças crônico-

degenerativas, bem como a metodologia de ensino das aulas de Biomecânica, foram mudados quando comparamos com a grade curricular pela qual o grupo pesquisado se graduou.

Para Ferreira (2006), a entrada no mercado de trabalho é como um choque com a realidade, pois os profissionais se deparam com uma série de dificuldades, em que pelo menos a maior parte delas já foi vivenciada durante o período de estágio. Esse fato traz certo sentimento de decepção, pois o profissional está cheio de novas ideias provenientes das novas metodologias aprendidas na universidade e acaba se chocando com a realidade que é diferente.

Freitas (2002) afirma, ainda, que uns dos maiores obstáculos para o docente iniciante é ser encaminhado para locais com más condições de trabalho. Além disso, a desvalorização e, às vezes, o desânimo de alguns dos profissionais mais antigos resulta numa pequena possibilidade de troca de experiência e acompanhamento pedagógico. Esse fato também foi reforçado na pesquisa, independente da área de atuação.

Finalmente, atitude positiva foi observada nos pesquisados que, mesmo contentes com sua formação inicial, desenvolveram a disposição de continuar se especializando, mesmo porque agora estão mais conscientes dos conhecimentos necessários para responder às especificidades da área de atuação na qual conseguiram se empregar.

Conclusão

Além das dificuldades encontradas na literatura, por meio da pesquisa, foi nos possível identificar mais uma vez que o mercado de trabalho vai incorporando novas atividades e populações de interesse. De maneira geral, pensamos que é possível recomendar que as IES encarem com maior seriedade o compromisso de programar, acompanhar e avaliar as experiências de estágio de seus alunos, as instituições concedentes de estágios, trabalhando de maneira responsável e integrada com elas. Além disso, é recomendável que o retorno que os estagiários trazem de suas experiências de estágio seja aproveitado para o aprimoramento da formação inicial e para o próprio aprimoramento da prática profissional, bem como da fiscalização do exercício da profissão.

A profissão e a sociedade brasileira, ainda que em situação mais evoluída do que em outros países da América Latina, continuam revelando a necessidade de se encarar com mais seriedade a formação inicial relativa à realização dos estágios, bem como o exercício profissional responsável pelos serviços no campo do esporte e da atividade física relacionada à saúde.

Nesse sentido, uma série de pesquisas

a respeito da relação entre IES e instituições concedentes de estágio e da contribuição efetiva dos estágios para a diminuição das dificuldades encontradas pelo recém-formado são possíveis e recomendáveis, bem como a continuidade de ações que visem à disseminação no ideário da sociedade dos conteúdos e vantagens da prática esportiva e da atividade física profissionalmente orientada e acompanhada.

Referências

- BRASIL. *Decreto n° 87.497* de 18 de agosto de 1982.
- _____. *Lei n° 6.494* de 7 de dezembro de 1977.
- _____. *Parecer CNE/CES n° 329* de 11 de novembro de 2004.
- _____. *Resolução CFE n° 03* de 16 de junho de 1987.
- _____. *Resolução CNE/CES n° 02* de 18 de junho de 2007.
- _____. *Resolução CNE/CES 07* de 31 de março de 2004.
- _____. *Resolução CNE/CP 01* de 18 de fevereiro de 2002.
- _____. *Resolução CNE/CP 02* de 19 de fevereiro de 2002.
- CARNEIRO, André Bartholomeu; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Perfil de ingressantes e razões de escolha pelo curso superior de Educação Física. *Revista Motriz*, Rio Claro, v.12, n.1, p.09-21, jan/abr 2006.
- CONFEEF. *Carta Recomendatória sobre Estágio Supervisionado 02/2005*. São Paulo, 2007. Disponível em <http://www.crefsp.org.br>, acesso em 04 Jun. 2007.
- FERREIRA, Lilian Almeida. *O professor de Educação Física no primeiro ano da carreira: análise da aprendizagem profissional a partir da promoção de um programa de iniciação à docência*. 2006. 216p. Tese de Doutorado em Educação – Centro de Educação e Ciências Humanas, UFScar, São Carlos.
- Freitas, M.N.C. Organização escolar e socialização profissional de professores iniciantes. *Caderno de Pesquisa da Fundação de Ensino Superior de São João Del Rei*. São João Del Rei, n.115, p.155-172, mar 2002.
- GHILARDI, R. Formação Profissional em Educação Física: A relação Teoria e Prática. *Revista Motriz*, Rio Claro, v.4, n.1, jun 1998.
- MOURA, FB; SILVA LFP. *Percepção de ingressantes e de egressos de um curso de Educação Física a respeito de prováveis áreas de atuação*. Monografia Bacharelado em Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, 2004.
- NAGLE, Jorge. As unidades universitárias e suas licenciaturas: educadores x pesquisadores. In: CATANI, Denise Barbosa (org). *Universidade, escola e formação de professores*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- NERI, F.B. *O profissional de Educação Física e os cursos padronizados: forma de atuação ou alienação?* Monografia Bacharelado em Educação Física - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2002.
- OLIVEIRA, F. *Intervenção Profissional em Educação Física: Relação entre mercado de trabalho e preparação profissional*. Monografia Bacharelado em Educação Física - Universidade São Judas Tadeu, 2002.
- SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Estágios curriculares na formação de professores de Educação Física: o ideal, o real e o possível. *Revista Digital* <http://www.efdesportes.com>, Buenos Aires, ano 10, n.82, mar 2005.
- _____. Desenvolvimento do pensamento crítico-criativo e os estágios curriculares na área de Educação Física. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v.11, n.3, p.37-44, jul/set 2003.
- THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. *Métodos de Pesquisa em Atividade Física*. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- Sobre os autores:
- Elaine Cristina Jonas*
Bacharel em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu e Pós-Graduanda em Saúde e Envelhecimento pela FMUSP. E-mail: elaine_usjt@yahoo.com.br
- Francisca Cirnanda Fernandes Spim Redondo*
Bacharel em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu. E-mail: cirnanda@hotmail.com.

Nilson Alves das Neves

Bacharel em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu. E-mail: nilsonaneves@yahoo.com.br

Rosemeire Gomes Fernandes

Bacharel em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu. E-mail: rosemeire.gomes1@terra.com.br

Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva

Graduada em Educação Física pela Universidade de São Paulo (1979), graduação em Pedagogia Habilitação Em Administração Escolar pela Universidade de São Paulo (1985), mestrado em Educação: Supervisão e Currículo, pela Pontifícia Universidade Católica de

São Paulo (1991) e doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997). Atualmente é professora adjunto da Universidade Sao Judas Tadeu e exerce atividades de assessoria técnico-administrativa na Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em aspectos pedagógicos e curriculares, atuando principalmente nos seguintes temas: educação física escolar, currículo, didática, formação profissional e motricidade humana. Membro da Red Internacional de Investigadores de la Motricidad Humana. E-mail: sheila.silva@uol.com.br

Recebido em: 06/12/2011

Aceito para publicação em: 28/12/2011

